

Gaston Bachelard: e a metapoética dos quatro elementos

Marcelo Bolshaw Gomes¹

Resumo:

Para Gaston Bachelard, o instante poético (e, conseqüentemente, o momento de criação artística em geral ou insight criativo) é uma verticalização do tempo, que se torna mais simultâneo e menos contínuo, comparada ao transe místico e à experiência do sagrado. Bachelard é um pensador duplo: tem textos diurnos dedicados à epistemologia da ciência e textos noturnos sobre o universo simbólico da poesia. Nos textos noturnos, ele adota uma perspectiva junguiana, em que o inconsciente é coletivo e habitado por arquétipos, formas transculturais recorrentes nos sonhos e nas artes. Há ainda, na estética bachelardiana, uma experiência cognitiva visual (ou a imaginação dos olhos) e uma experiência cognitiva material (ou a imaginação das mãos). Para Bachelard, essa imaginação material e dinâmica, expressa através dos padrões recorrentes dos quatro elementos alquímicos (terra, água, ar e fogo), é a linguagem primária do inconsciente.

Palavras-chave: Ciências humanas; Poética; Filosofia.

1 Introdução

A psicanálise foi seu ponto de partida. Durante sua fase diurna, de 1912 a 1938, Gaston Bachelard desejava estabelecer, em sintonia com as novas teorias relativistas desenvolvidas pela física teórica, um novo espírito científico (1968, 1974, 1990c). Nesta perspectiva, a verdade objetiva era sempre o desmascarar de uma ilusão aparente, era sempre a crítica do senso comum e da ideologia.

A alquimia baseada nos quatro elementos era uma forma de conhecimento ideológica; quando se descobriu número atômico e a tabela periódica dos elementos químicos então se passou ao conhecimento científico. A essa ruptura com as ilusões subjetivas ideológicas que revela a objetividade científica, Bachelard chamou ‘corte

¹Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Faculdade de Comunicação e Turismo Helio Alonso (1984), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1998) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2006). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: marcelobolshaw@gmail.com

epistemológico'. Nessa época, ele utilizava a psicanálise para exorcizar a imaginação, considerada como um 'obstáculo epistemológico a superar'.

É curioso que a passagem do Bachelard diurno (em que a crítica racional desvenda a imaginação) para o Bachelard noturno (que investiga a poesia através da imaginação) se deu sem grandes cortes nem rupturas radicais.

2 Fogo no divã

O livro *A Psicanálise do Fogo* (1990b) pode ser considerado uma transição inicial, mas houve um longo processo gradual, cumulativo e contínuo de construção do projeto de uma poética elementar da imaginação.

Neste livro, escrito em 1939, a intenção de Bachelard é desmistificar o fogo, elucidando os diferentes 'complexos subjetivos' que impedem a compreensão do objeto. Seu alvo é a permanência secreta de uma idolatria do fogo, uma vez que até cientistas recorrem a imagens primitivas para explicá-lo.

Os complexos são organizados em referência a diferentes narrativas míticas sobre o fogo: o complexo de Prometeu, o desejo de possuir o fogo contra a vontade dos deuses (1999b, 11-19; 1990b, 89-112); o complexo de Empédocles, o desejo irracional de se deixar consumir pelo fogo (1999b, 21-31; 1990b, 113-142); o complexo de Novalis, o fogo associado ao amor correspondido (1999b, 33-63), o complexo da dissociação entre o fogo sagrado, a luz divina; e as chamas que ardem nos infernos, o sexo (1999b, 145).

Bachelard, após psicanalisar as imagens do fogo, chega a uma conclusão curiosa: não aceita que a descoberta do fogo pelos povos primitivos tenha sido causada pela fricção de dois pedaços de madeira ao acaso. Para ele, "o amor é a primeira

hipótese científica para a reprodução objetiva do fogo" (1999b, 47); "uma criação do desejo e não uma criação da necessidade" (1999b, 24).

No final da vida, após escrever livros sobre a água, o ar e a terra, Bachelard escreveu ainda mais dois livros sobre o elemento fogo: *Fragmentos de uma poética do fogo* (1999b), deixado inacabado pelo autor e que reorganiza, com acréscimos, os mesmos temas desenvolvidos na *Psicanálise do Fogo* de forma mais arqueológica e menos positivista e psicanalítica; e *A chama de uma vela* (1989), em que trabalha com imagens-lembranças de sua própria vida e com as relações entre a imaginação poética e a memória. O fogo, nesses livros, se confunde com a vida, um combustível que move os corpos, os aquece e traz recordações e *insights* sobre si mesmo.

3 Mergulhar nos sonhos

Já em *A água e os sonhos* (1998), segundo livro da série escrito em 1942, não se trata mais de desmistificar as ilusões em torno do elemento, mas sim de imaginar, devanear através de imagens, a partir da água. Há também complexos de imagens aquáticas, como o complexo de Ofélia ou o complexo de Caronte (1998, 73), mas esses são formados pelo recalçamento e sublimação dos arquétipos (no caso, dos arquétipos da água e da morte), e não mais por ilusões subjetivas que precisam ser decifradas.

Ofélia é uma personagem da peça Hamlet, de Shakespeare, que se suicida por se sentir rejeitada pelo protagonista. Os psicanalistas em geral a consideram como um símbolo da mulher submissa, uma contraparte feminina do complexo de Édipo encarnado por Hamlet. Para Bachelard, esse complexo se expressa na ondulação da água nas pedras de um riacho, formando uma imagem semelhante aos cabelos de uma mulher afogada.

Já Caronte é o barqueiro de Hades, que, na mitologia grega, leva os mortos de balsa aos infernos. Para Bachelard, Caronte é o guardião do limiar, não apenas da morte, mas também dos sonhos profundos das águas pesadas.

Há uma diferença entre a noção de arquétipo de C. G. Jung e os complexos de imagens simbólicas dos elementos de Bachelard. Para Jung, o arquétipo se refere às representações coletivas e primordiais do Inconsciente coletivo, formando um modelo básico de comportamento instintivo.

Já as imagens poéticas que Bachelard estuda são sublimações individuais dos arquétipos coletivos e dependem da subjetividade do sonhador:

“é essa contribuição pessoal que torna os arquétipos vivos; cada sonhador repõe os sonhos antigos em uma situação pessoal. Assim se explica porque um símbolo onírico não pode receber, em psicanálise, um sentido único” (BACHELARD, 1990a, p. 174).

Para Bachelard, o arquétipo da água se confunde com a própria imaginação, com o quase-substrato da imaginação material, o plasma onde ela acontece. A água é, ao mesmo tempo, fluída, solvente, homogênea e coesa; representando o ideal alquímico *Solve e Coagula*, a imaginação do concreto sublimado e a materialização do imaginário. Assim, a água ocupa, na meta poética do devaneio de Bachelard, um lugar intermediário entre o sólido e o gasoso, entre a materialidade compacta da terra e a suave leveza do ar (BACHELARD, 1998).

Também com a água, surge a distinção entre imaginação material (ou das mãos) e imaginação formal (ou dos olhos).

Expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou, mais brevemente, a imaginação formal e a imaginação material. (BACHELARD, 1998, p. 1)

A imaginação formal valoriza o modelo teórico matemático e a formalização lógico-empírica da tradição aristotélica, cartesiana e positivista das ciências naturais. Centrada no sentido da visão, ela resulta no exercício constante da abstração. O homem é um espectador passivo e ocioso em relação ao mundo que o rodeia.

Já a imaginação material, o homem é um agente ativo em conflito com os elementos da matéria; é uma filosofia ativa das mãos, provocada e provocante por um universo sólido e concreto. É a imaginação dos trabalhadores-artistas que modelam o mundo através de suas vontades de poder.

Nesse sentido, aproxima-se de Nietzsche, que pensa a marteladas, a quem considera um pensador aéreo (BACHELARD, 2001c, 73), em virtude de suas imagens vertiginosas e abissais.

4 Movimentos no ar

Com o elemento ar, surgem as noções de imaginação dinâmica², de poética do movimento, de verticalização do tempo e de psicologia ascensional. Enquanto a imaginação material refere-se à materialização do imaginário, a imaginação dinâmica, no polo oposto, corresponde à volatilização quântica dos objetos concretos.

“A imaginação dinâmica ganha então a dianteira sobre a imaginação material. O movimento imaginado, desacelerando-se, cria o ser terrestre; o movimento imaginado, acelerando-se, cria o ser aéreo” (BACHELARD, 2001c, 109).

Em segundo momento, no entanto, Bachelard considera uma imaginação dinâmica dos movimentos (associada a esse efeito desmaterializante do elemento Ar) e uma imaginação dinâmica das forças - que é desenvolvida no livro *A terra e os devaneios da vontade* (2001b). E nesse novo esquema, a imaginação material vai se opor, como complemento e polo oposto, às duas imaginações dinâmicas (do movimento desmaterializante e das forças em combate contra a dureza e solidez do mundo

2

Freitas (2006) identifica cinco configurações cumulativas e simultâneas da imaginação poética nos devaneios dos quatro elementos de Bachelard: 1) a imaginação material; 2) a imaginação dinâmica do movimento; 3) a imaginação dinâmica das forças; 4) as imagens-lembrança; e 5) a imaginação arquetipal. Para ele, essas configurações se sobrepõem ao longo do trabalho do filósofo-poeta.

material). E, em um terceiro momento, a imaginação material corresponderá aos devaneios de repouso e as imagens da intimidade - que são estudadas no livro *A terra e os devaneios do repouso* (1990a)³.

O livro *O Ar e os Sonhos* (2001c) é dedicado à imaginação dinâmica do movimento. Bachelard recolhe imagens aéreas: horizontes sem fim, espaços abertos, imensidões celestes, sonhos em vôo e de queda, árvores gigantescas, mas principalmente do movimento desmaterializante e da verticalização do tempo: lampejos da eternidade, instantes absolutos em que o mundo para, momentos de sincronicidade em que elementos diversos e até contrários formam uma unidade.

Nas imagens aéreas de movimento, o mundo dos objetos se torna um universo de relações, de frequências vibracionais – e isso faz Bachelard sonhar, no final do livro, com uma ‘nova fenomenologia’ (2001c, 157) - em que o tempo seja uma dimensão do espacial, considerando a duração e a intensidade dos eventos e em que o pensamento se reconcilie com a imaginação.

Mas, essa idéia logo irá cair por terra ...

5 Força e repouso

As imagens que o elemento terra suscita em Bachelard ocorrem em dois planos. O plano da extroversão que se refere à imaginação dinâmica e diz respeito aos devaneios ativos que agem sobre a matéria; e o plano da introversão, formado pelas imagens de intimidade. O pensador dedicou a cada plano um livro.

A terra, com efeito, ao contrário dos outros três elementos, tem como primeira característica uma resistência. Os outros elementos podem ser

3

³Os devaneios de repouso e as imagens de intimidade serão retomados em *A poética do espaço* (2000), mas sem o apelo simbólico aos quatro elementos.

hostis, mas não são sempre hostis. A resistência da matéria terrestre, pelo contrário, é imediata e constante (BACHELARD, 2001b, 8).

Em *A terra e os devaneios da vontade* (2001b), Bachelard imagina o impacto da matéria sobre o impulso criador humano. O martelo (o metal) nos ensina a disciplina da regularidade, a firmeza de propósito, a vitória gradativa sobre a matéria.

As vontades de poder aram a terra e são por ela formatadas. A subjetividade também é forjada pela resistência material. A matéria resiste à força humana e o corpo se adapta muscularmente às resistências da matéria.

E o livro *A terra e os devaneios do repouso* (1999a), no contraponto do desenvolvimento dessas vontades em confrontos com o mundo material, estuda as imagens da beleza íntima da matéria; o espaço afetivo que há no interior das coisas; e principalmente a tranqüilidade que aí reside: a casa, o ventre e a gruta.

É ao sonhar com essa intimidade que se sonha com o repouso do ser, com um repouso enraizado, um repouso que tem intensidade e que não é apenas essa imobilidade inteiramente externa reinante entre as coisas inertes. É sob a sedução deste repouso íntimo e intenso que algumas almas definem o ser pelo repouso, pela substância, em sentido oposto ao esforço que fizemos, em nossa obra anterior, para definir o ser humano como emergência e dinamismo (BACHELARD, 1990a, 4).

Ao que parece, o combate (e o repouso) da imaginação de Bachelard contra a matéria realmente o tornou mais sábio, uma vez que nesses dois livros, e nos que se escreverá em seguida, ele abandona qualquer pretensão científica de sistematização e se limita devanear através das imagens.

6 O Sonhador

“Arauto da pós-modernidade” (ARAUJO, 2003), Bachelard abriu caminho para as teorias contemporâneas do imaginário. Gilbert Durand, Mircea Eliade e Paul Ricouer foram admiradores confessos de sua coragem e liberdade poética e filosófica. Também

foi alvo de várias críticas devido a sua falta de sistematicidade. Porém, possivelmente, a verdade é que Bachelard queria apenas devanear e provocar devaneios. Aliás, o elemento provoca o sonhador, cujo devaneio nos provoca.

A meta poética bachelardiana é uma relação dialógica entre o homem e a matéria, inspirada na alegoria materialista alquímica. C.G. Jung (2001) já desconfiava que os alquimistas não operassem apenas com metais, mas sim o próprio corpo, através do simbolismo astrológico e elemental; e que o ideal alquímico de transformar chumbo em ouro, nada mais era do que elevar a matéria densa para sutil dentro de si mesmo, como um laboratório vivo.

Talvez Bachelard se sentisse culpado (por que não psicanalisá-lo também?) com sua desconstrução da física aristotélica dos quatro elementos através da epistemologia e tentasse oferecer a compensação de inserir novamente os elementos em o que muitos chamam de uma ‘metafísica’. Na verdade, uma profísica, pois colocou as imagens simbólicas dos elementos aquém e não além dos objetos representados.

Da mesma forma que é um erro classificá-lo como filósofo metafísico, também parece equivocado tentar enquadrá-lo como crítico literário. Bachelard não analisa livros ou poemas completos, mas apenas versos soltos; Edgar Alan Poe é o único poeta que é estudado (1998, 47) em profundidade (pois é um poeta das águas pesadas). Mais do que um crítico literário, Bachelard é um poeta, mas um poeta que utiliza de outros poetas, agregando a eles sua poesia.

Daí porque preferirmos o nome de ‘metapoética’ para caracterizar seu trabalho, do que a metafísica ou crítica literária. Porém, o essencial é que Bachelard encarna uma estética da atividade, que nos incita a também devanear, que nos encoraja a também sonhar. Por isso, a melhor crítica é também a melhor homenagem: aceitar o desafio e também lutar, também lançar a imaginação ao devaneio metapoético.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A.F e BAPTISTA, F.P. (org.) **Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações e práticas hermenêuticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

BACHELARD, G. **O novo espírito científico** [tradução de Juvenal Hahne Júnior] Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

_____. **A filosofia do não: filosofia do novo espírito científico** [tradução de Joaquim José Moura Ramos] In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 161-245.

_____. **A chama de uma vela** [tradução de Glória de Carvalho Lins] Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade** [tradução de Paulo Neves da Silva] São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

_____. **Fragmentos de uma poética do fogo** [tradução de Norma Telles] São Paulo: Brasiliense, 1990b.

_____. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria** [tradução de Antônio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento** [tradução de Estela dos Santos Abreu] Rio de Janeiro: Contraponto, 1999a.

_____. **A psicanálise do fogo** [tradução de Paulo Neves] São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **A poética do espaço** [tradução de Antônio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A poética do devaneio** [tradução de Antônio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

_____. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças** [tradução de Maria Ermantina Galvão] São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento** [tradução de Antônio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 2001c.

BARBOSA, E. **Gaston Bachelard: o arauto da pós-modernidade**. Salvador: Universitária Americana, 1993.

ELIADE, Mircea. **Tratado Histórico das Religiões**.

FREITAS, Alexander. Água, ar, terra e fogo: arquétipos das configurações da imaginação poética na metafísica de Gaston Bachelard. **Revista Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 20, n. 39, p. 39-70, jan./jun. 2006.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. [tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva] Petrópolis: Vozes, 2002.

PESSANHA, J. A. M. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1994, p. 5-31.